

Espelho, espelho meu?

Mônica Fiuza BF^a

Resumo

Embora vários autores já tenham escrito sobre o conto “O espelho ou esboço de uma nova teoria da alma humana”, de Machado de Assis, propomos, neste artigo, uma releitura desse conto, a partir de algumas noções do ensino do psicanalista francês Jacques Lacan, principalmente no que diz respeito ao ‘estádio do espelho’ e suas implicações no mundo em que vivemos.

Palavras-chave: Narcisismo, Psicanálise, conto, Machado de Assis, Espelho.

*Recebido em 31 de agosto de 2015
Aceito em 21 de março de 2016*

^a Professora no Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas na UFRN, cedida à UFF, monicafiuzaabf@gmail.com.

*O espelho é o instrumento de uma universal magia
que transforma coisas em espetáculos, espetáculos
em coisas, eu no outro, o outro em mim.*

(MERLEAU-PONTY, 1964)

Após um AVC, tenho me dedicado a entender e a pesquisar esses acidentes. Lendo o livro de V.S. Ramachandran, *O que o cérebro tem para contar* (RAMACHANDRAN, 2014), percebi o quanto nosso cérebro é plástico, mesmo que aquilo que foi descoberto, até agora, seja uma pequena fração do que há para saber sobre o cérebro humano. No entanto, a modesta porção desvendada produz efeitos desconcertantes, contrários ao senso comum e com inúmeras hipóteses a serem analisadas.

Na leitura desse livro, impressionou-me o relato de um experimento interessante com um espelho, que poderia auxiliar no tratamento da dor regional crônica de membros fantasma e/ou da paralisia resultante de acidente vascular cerebral. Ramachandran observou pacientes durante o período pré-amputação: cada vez que o córtex motor enviava um comando de movimento para o braço, o córtex sensorial, no lobo parietal, recebia um *feedback* negativo dos músculos, pele, articulações e olhos.

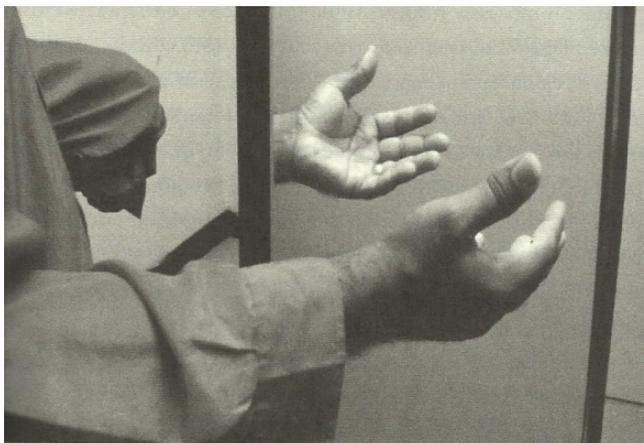
Todo o circuito de *feedback* negativo dos músculos estava parado. É claro que o fato de a experiência modificar o cérebro, reforçando ou enfraquecendo as sinapses que ligam os neurônios uns aos outros, está bem estabelecido. Esse processo de modificação é conhecido como aprendizado ou 'reaprendizado'.

No caso desses pacientes, cada novo sinal motor impotente reforçava um *feedback* negativo, de modo que as sinapses ficaram cada vez mais fracas e, por fim, tornaram-se moribundas.

Em outras palavras: a paralisia foi aprendida pelo cérebro, carimbada no conjunto dos circuitos em que a imagem do paciente estava construída. Mais tarde, quando o braço foi amputado, a paralisia aprendida foi transferida para o membro fantasma, que passou a ser sentido como paralisado.

No experimento com o espelho, como mostra a figura 1,

Figura 1 - Experimento com o espelho



Fonte: RAMACHANDRAN V.S., 2014, p. 55-57

o paciente sabe que é uma ilusão, mas invariavelmente uma leve surpresa sacode sua mente quando faz um movimento com o espelho entre suas mãos. A surpresa vem do súbito desacordo entre dois fluxos de *feedback*: aquele de pele e músculos que você recebe da mão que está atrás do espelho diz uma coisa, mas o *feedback* visual que recebe da mão refletida (que seu lobo parietal se convenceu de ser sua própria mão escondida) relata outro movimento. (RAMACHANDRAN, 2014, p. 55-57)

Assim como o médico e pesquisador Ramachandran utilizou o espelho e as ilusões por ele provocadas, para seu propósito, outros autores também inseriram 'o espelho' em suas produções, como os Irmãos Grimm, no conto de fadas "Branca de Neve e os sete anões"; Guimarães Rosa (*Primeiras estórias*, 1969), no conto "O espelho" e Machado de Assis, no conto "O espelho ou esboço de uma nova teoria da alma humana". Todavia, para minha leitura, que estará submetida a algumas noções do ensino de Jacques Lacan, escolho o conto de Machado de Assis, publicado originalmente na *Gazeta de Notícias* em 1882, e reunido em livro com o título *Papéis Avulsos*, do mesmo ano. Essa obra, de acordo com alguns de seus críticos, seria uma fronteira e marcaria o auge do seu amadurecimento literário, sendo considerado um de seus melhores livros de contos.

Tentarei resumir o conto, evitando, desse modo, que meu leitor se veja obrigado a parar a leitura a fim de buscar o texto na estante presencial ou virtual:

Jacobina é um homem de 45 anos e de origem humilde, que conseguiu subir na vida em razão de ter sido nomeado a um posto militar. Certo dia estava com mais quatro amigos em uma casa debatendo sobre a alma, o universo e outros assuntos. Jacobina, porém, mantinha-se calado e parecia não estar muito interessado no assunto. Quando um dos presentes exige que ele dê sua opinião, Jacobina diz que contará um episódio de sua vida e defenderá uma teoria sua, sobre o fato de as pessoas terem almas: uma exterior e outra interior.

Sabemos então que, quando completou 25 anos, Jacobina foi nomeado Alferes da Guarda Nacional, o que lhe garantiu uma mudança significativa de status. Sua mãe encantou-se e chamava-o de "Meu Alferes". Sua família passou a elogiá-lo e a se orgulhar dele: De simples Jacobina passou a ser o "Sr. Alferes". Um dia, sua tia Marcolina convida-o para ir até o sítio onde ela morava. Por conta do *status* de seu sobrinho, ela lhe oferece um grande espelho que era a melhor mobília da casa, proveniente da Família Real Portuguesa, colocando-o no quarto escolhido para Jacobina. A partir desse momento, tudo muda em sua vida. A percepção que tinha de si mesmo passa a ser aquela que os outros tinham dele, e a pessoa que Jacobina era não mais existia.

Pouco tempo depois de chegar ao sítio, Marcolina sai de viagem, em razão de uma doença em sua família. Aproveitando a ausência dela, os escravos fogem e Jacobina vê-se sozinho no sítio. Assim, passa os dias perdido nas sombras da solidão e angustiado por ter perdido a sua "alma exterior", fruto da imagem que os outros faziam dele. Em certo momento, ele decide olhar o espelho e percebe que a imagem ali refletida estava corrompida e difusa, assim como a imagem que ele fazia de si mesmo na ausência dos outros.

Não conseguindo enxergar a si mesmo com nitidez, Jacobina resolve vestir sua farda e olhar-se no espelho. Dessa vez, a imagem refletida era nítida e tinha a clareza de detalhes e contornos. Recuperando, assim, a "alma exterior" que preenchia sua "alma interior", Jacobina conseguiu evitar a solidão nos dias que se passaram.

Quando termina o relato de sua história, Jacobina vai embora e deixa seus amigos em um silêncio reflexivo.

Vamos tentar agora romper esse silêncio reflexivo, preenchendo-o com algumas noções do ensino de Lacan.

O psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981) “aquele que leu Freud”, como declarou a Pierre Daix, em 1966, por ocasião da publicação dos *Escritos*, levou a reflexão sobre a psicanálise à sua origem freudiana.

Em seguida, foi mais além: reinventou a psicanálise a partir da questão “O que é a psicanálise e quais são seus princípios?”

Em 1953, Lacan subverte a psicanálise de sua época ao anunciar suas três tópicas: o *Simbólico*, o *Imaginário* e o *Real*, embora, anteriormente, já tivesse publicado outros artigos, nos quais introduziu novas noções, tais como o “narcisismo” e o “estádio do espelho”, que tinham por finalidade clarear um pouco esse campo e retomar a instância do Eu [moi], a qual havia tomado um sentido e um lugar inteiramente particulares no pensamento analítico da época.

Com suas três tópicas, que desenvolverá ao longo de sua vida, combate aquilo que considerava ‘desvios’ ou rumos da psicanálise do pós-guerra, sobretudo aqueles oriundos da América do Norte, que visavam à adaptação do sujeito a seu meio ambiente e ao reforço do *eu*.

Com a noção de “estádio do espelho”, Lacan tenta esclarecer a noção de narcisismo. Trata-se de explorar a relação com o semelhante, ‘o pequeno outro’, e de interrogar esse fascínio do sujeito por sua imagem, sua capacidade de ser cativado por certas imagens. Faz, assim, do estádio do espelho um momento pragmático de instauração da relação do homem com seu semelhante.

O bebê, ao nascer, não distinguiria seu corpo daquele de sua mãe ou de sua substituta, isto é, daquela que o acolhe e o alimenta, desde seu nascimento. Para esse pequenino, tudo é um só corpo. Segundo Lacan, a partir dos seis meses, contudo, rapidamente afastar-se-á dessa perspectiva diacrônica para insistir na dimensão estrutural, portanto, acrônica, desse estádio. A criança reconhece, pela primeira vez, sua imagem (Figura 2). Esse reconhecimento seria marcado por uma mímica e uma gestualidade lúdicas, um júbilo.

Figura 2 - A criança reconhece sua imagem

Fonte: <http://estudosdoser.blogspot.com.br/2013/07/o-estadio-do-espelho-como-formador-da.html>

Certamente, é uma fase na qual a criança é prematura e seu desenvolvimento neurofisiológico ainda não está inteiramente completo. Assim, o que se produz é uma identificação, “a saber, a transformação produzida no sujeito, quando este assume esta imagem”. Lacan designará esta identificação como *imago*, termo já usado por ele em “Complexos familiares” (LACAN, 1938).

Em outro momento, Lacan dirá também que é preciso um “terceiro nominador” (Figura 3) para que essa imagem seja conferida ao sujeito, ou melhor, uma mediação simbólica faz-se necessária para que o sujeito possa assumir tal identificação. A mãe ou sua substituta nomeia o filho no seu colo diante do espelho e o bebê percebe que não faz parte de um uno, mas de dois: ele e sua mãe. Vê, assim, seu corpo, mas não todo, pois para Lacan não há todo. A criança volta-se para aquela que a carrega diante do espelho para ler, em seu olhar, um signo de reconhecimento.

Figura 3 - O filho no colo diante do espelho

Fonte: <http://estudosdoser.blogspot.com.br/2013/07/o-estadio-do-espelho-como-formador-da.html>

Essa mãe é o lugar de onde procede o dom, dom do objeto que alimenta, dom da fala, que são recebidos como testemunhos de amor. Por meio desse signo de reconhecimento, pela nomeação que a mãe profere e tem por efeito designar os lugares respectivos das duas protagonistas, o espaço virtual situado atrás do espelho plano, se ele é imaginário, aparece como que subordinado ao simbólico e por ele determinado.

Assim, o sujeito olha-se a partir do ponto ideal escolhido no Outro, no lugar onde pode ver-se como podendo ser amado. O olhar dirige-se sempre a alguém ou a alguma coisa: “é-se olhado por”. Ou nas palavras de Lacan:

[...] no campo escópico, o olhar vem de fora: eu sou olhado, isto é, eu sou quadro. Aí está a função que se encontra no mais íntimo da instituição do sujeito no visível. O que me determina profundamente, no visível, é o olhar que está de fora. (LACAN, 1983, p. 195)

Isso corresponde ao narcisismo primário: o Eu [moi] do sujeito encontra aí sua origem. Eu constituído pela soma das identificações que o espelho permitirá fazer. Lacan, que começara pela abordagem da psicose paranoica, enfatizando o liame da personalidade com o social, encontra, com o estádio do espelho, um modelo para se pensar isso.

O estádio do espelho poderia ser assim resumido: O Eu é uma conjugação de imagens enviadas pela mãe ou substituta nesta função, isto é, o reconhecimento do outro. Como se ela dissesse “Tu és assim!” (Simbólico).

O olhar do outro produz, “em mim, minha identidade”, por reflexo. Através dele, sei quem sou e, nesse jogo narcisista, me constituo, a partir de fora.

Esse olhar deve ser entendido como uma metáfora geral.

Nesse instante, porém, o eu [je] é como que captado por esse Eu [moi] imaginário: de fato, o sujeito, que não sabe o que é, acredita ser aquele Eu [moi] a quem vê no espelho. Trata-se de um engodo, é claro, já que o discurso desse Eu [moi] é um discurso consciente, que faz “semblante” de ser o único discurso possível do indivíduo, enquanto existe, como que nas entrelinhas, o discurso não controlável do sujeito do inconsciente.

O sujeito é, portanto, um lugar vazio, produzido pelo simbólico, efeito do significante. Ele aparece dividido: é por isso que Lacan o escreve como \mathcal{S} (sujeito barrado).

Na dinâmica do estágio do espelho, o narcisismo primário constrói-se a partir do 'eu-ideal', formação extremamente narcísica e fundamentalmente imaginária. E o narcisismo secundário constrói-se a partir do 'Ideal do eu', que rege a identificação do eu com as imagens do outro, onde a libido passa para os objetos.

A distinção entre eu-ideal, instância imaginária, e Ideal do eu, instância simbólica, é proposta por Lacan a partir da leitura do artigo de Freud, "sobre o narcisismo: uma introdução" (FREUD, 1914).

A dimensão Ideal do eu é inteiramente simbólica e sua função é ser uma marca para o sujeito, estando situada além do Imaginário. É um lugar que regula nossas relações com os outros. Não há sujeito sem 'Outro'; é a partir desse 'Outro' que o sujeito se funda.

O estágio do espelho apresenta a constituição do Eu a partir das identificações com a imagem alienante do espelho, da mesma forma que com 'os semelhantes'. Por outro lado, permite compreender a função do amor e da agressividade. Imputação esta que, apesar de ser imaginária, não deixa de ser verdadeira, pois indica a alienação fundamental do desejo, que é sempre desejo do desejo do Outro. Nas palavras de Lacan:

O desejo do homem [...], o desejo puro e simples é sempre o desejo do Outro. Isto quer dizer que, em suma, estamos sempre demandando ao Outro seu desejo. (LACAN, 2006, p. 47)

Nesse conto, Machado introduz o protagonista durante uma conversa entre amigos:

[...] Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida.

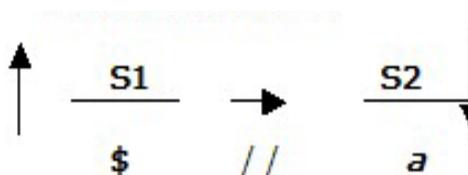
Em seguida:

Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir.

Assim, o protagonista fala do **lugar/discurso do 'mestre'**, um dos quatro discursos da teoria lacaniana; sendo eles: discurso do mestre, discurso do universitário, discurso da histérica e o discurso do analista. A formulação desses discursos foi inspirada nos três ofícios impossíveis de serem realizados, os quais Freud (1937) relatou como sendo os ofícios de 'governar, psicanalisar e educar'.

Segundo Lacan, o discurso do Mestre (Figura 4) é o daquele que sabe, que tem algo a ensinar, alguma verdade a dizer; bem diferente do discurso do analista, pois este se coloca como "suposto saber" de alguma verdade. Representado assim:

Figura 4 - Discurso do mestre



Fonte: MILNER, 1996b.

Mais adiante, no relato, encontramos o 'olhar' e o 'ser olhado', nas explicações do protagonista para a *alma interior* e a *alma exterior*:

[...] Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

- Duas?

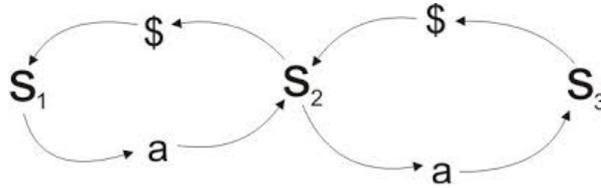
- Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...

Continuando a leitura, constatamos que, para nosso protagonista, os objetos (significantes) podem ser vários ou qualquer um:

[...] A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja.

Remetendo-nos à cadeia dos significantes da teoria lacaniana (Figura 5), ela estará representada assim:

Figura 5 - Representação da cadeia dos significantes



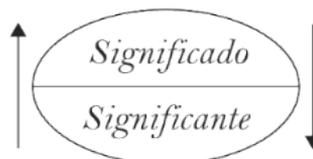
Fonte: MILNER, 1996b.

Lacan, ao falar de significante, inspira-se na linguística de Ferdinand de Saussure (1857-1913), que alarga as fronteiras dos estudos linguísticos do século XIX, com a semiologia, definida por ele como a "ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social" (1916/1995, p.24). Saussure atribui ao signo uma dimensão psíquica: o signo linguístico não vincula somente uma palavra a uma coisa, e sim um conceito a uma imagem acústica. Essa imagem não é caracterizada pelo som puramente físico, mas pela impressão psíquica oriunda desse som. Saussure (Ibid., p. 81) ou como se transcreveu:

Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica, respectivamente, por significado e significante. Dessa forma, o conceito consiste na representação mental de um determinado objeto ou da realidade social a que ele pertence e é situado; esta representação depende da concepção sociocultural que nos permeia, desde o nascimento.

Esquematizado conforme figura 6:

Figura 6 - Esquema do signo



Fonte: MILNER, 1996b.

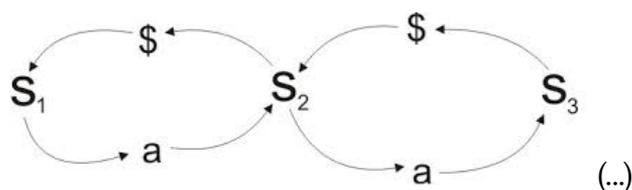
Porém, Lacan desfaz essa unidade, invertendo a posição de significado e significante:

$$\frac{S}{s}$$

A barra entre os dois 's' afeta o sujeito e dá testemunho de que, 'quando ele fala, não sabe o que diz'. Signo e significante não estão mais no mesmo registro. Lacan definirá 'o signo' como aquilo que 'representa alguma coisa para alguém', diferentemente do 'significante' que conceituará posteriormente como aquilo que 'representa o sujeito para outro significante'. De fato, o sujeito só é 'representado' no conjunto de significantes - o Outro. O conjunto de significantes encontra-se no 'Outro', o que faz Lacan chamá-lo de 'tesouro dos significantes'. É nesse Outro e, em primeiro lugar, na mãe que fala, que se encontram os elementos da língua com os quais o sujeito falará, mas é também a esse lugar do 'Outro' que ele se dirigirá (VANIÉR, 2005, p. 63).

Os objetos da cadeia de significantes da teoria lacaniana são o ponto no qual Lacan (1988), em seu Seminário IX, faz uma reformulação de sua teoria do significante. Ele diferencia, enfim, o significante do signo: enquanto um signo representa algo para alguém, um significante representa um sujeito para outro significante. Ele introduz o sujeito como qualidade representacional; ele é suposto saber da diferença que conduz de um significante a outro, fazendo o deslizamento da cadeia de significantes. A diferença entre estas condições de representação é fundamental, pois faz incidir a suposição de um sujeito. Repito a imagem, acrescentando reticências (Figura 7), pois a cadeia segue sempre, há sempre falta ou impossibilidade, assim busca-se novo objeto, que por sua vez também não satisfaz e, por aí, segue continuamente:

Figura 7 - Continuidade da cadeia dos significantes



Fonte: MILNER, 1996b., adaptada pela autora.

Para Lacan, aquilo que determina o sujeito é o olhar que está de fora. Vejamos no conto:

- Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! Tão contente! *Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura.*

Assim, o protagonista do conto está preso ao ego-ideal:

- O alferes eliminou o homem.

Mas também ao narcisismo primário:

Aconteceu, então, que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra se dispersou no ar e no passado.

Ao final do conto, percebemos que o protagonista só se reconhece como alferes olhando sua imagem no espelho, entra no jogo narcisista, lugar do reconhecimento, do amor. Assim como o protagonista do conto que acredita em duas almas, Lacan dirá que um ego nunca está sozinho, ele comporta sempre um 'estranho gêmeo', o Eu-ideal.

[...] defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, eila recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, *a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez [...].*

A imagem, por definição, é sempre completa e não há imagem possível daquilo que falta. O fascínio pela imagem se dá exatamente pelo que ela encobre, ou seja, pelo que está por trás dessa forma tão completa e cativante.

Hoje em dia, talvez o ciberespaço, virtual por excelência, sugira essa forma completa e cativante, portanto, fascinante, ficando o espectador preso em seu gozo inefável da imagem fascinante, como ‘nosso alferes’. Artefatos como computador, I-phone, celular e coisas do gênero tornaram-se companhias fascinantes. Porém, essa fascinação é alienante e posso intuir que seja pela perda da dimensão simbólica, que se traduz pelo prazer imediato e pelo desinteresse em atividades que exigem esforço ou adiamento da satisfação. É a pura ilusão de se ver “tudo”, de completude.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. “O espelho”, *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II.

FREUD, S. Análise terminável e interminável. [1937] *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Introdução ao narcisismo. [1914] *Obras completas [1914-1916]*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 12.

KAUFFMAN, P. *Dicionário enciclopédico de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, J. *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. [1938] Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____. *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

_____. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, J. *O seminário, livro I: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

LAPLANCHE, J-L. e PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de psicanálise*. 10 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MERLEAU-PONTY, M. *O visível e o invisível*. Paris, Gallimard, 1964.

MILNER, J.-C. *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

_____. *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1996b.

RAMACHANDRAN, V. S. *O que o cérebro tem para contar*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. [1916] São Paulo: Cultrix, 1995.

VANIER A. *Lacan*, São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

Abstract

Mirror, mirror?

Although several authors have already written about Machado de Assis's short story "The Mirror: a sketch for a new theory of the human soul", in this paper we propose a rereading of this tale from some notions of the French psychoanalyst Jacques Lacan, especially in respect to the "mirror stage" and its implications in the world we live in.

Keywords: *Narcissism, Psychoanalysis, Short story, Machado de Assis, Mirror*